



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



Vivências, lutas e a conquista da autonomia feminina na agroecologia: Relatos da agricultora Elaine de Souza Martins Ahnert

*Experiences, struggles and the conquest of female autonomy in
agroecology: Reports of the farmer Elaine de Souza Martins Ahnert*

SILVA, Fabiola Paulino da¹; CALBINO, Daniel ²; MELO, Angelina Moreira³

¹ Universidade Federal de Viçosa - MG, paulino.fabiola@yahoo.com.br; ² Universidade Federal de São João Del Rei - MG, dcalbino@ufsj.edu.br; ³ Universidade Federal de São João Del Rei - MG, angelinamoreiramelo@hotmail.com

Tema Gerador: Mulheres e Agroecologia

Resumo

A partir das reivindicações da Articulação das Mulheres do Campo de Minas Gerais, apresentadas ao governo mineiro em 2015, a Secretaria de Desenvolvimento Agrário e a Fundação João Pinheiro-MG desenvolveram uma pesquisa sobre a realidade das mulheres na agroecologia. Foram realizadas reuniões que definiram o escopo e o formato da pesquisa. Com a perspectiva de dar visibilidade às trajetórias de vida e de lutas das mulheres adotou-se a Metodologia de história oral. Assim, 12 mulheres foram indicadas para serem entrevistadas e representarem a realidade das mulheres do campo de Minas Gerais. Considerando a abrangência da pesquisa, foi necessário delimitar o objetivo do presente artigo para a história de vida de uma produtora. Neste sentido, o presente trabalho teve por objetivo geral apresentar a trajetória de Elaine de Souza Martins Ahnert, marcada por lutas e conquistas a luz de suas experiências com as hortas agroecológicas (PAIS).

Palavras-chave: Mulheres; Trajetórias; Agroecologia.

Abstract

Based on the claims of the Women's Arrangement of the Campo de Minas Gerais, presented to the Minas Gerais government in 2015, the Secretariat of Agrarian Development and the João Pinheiro-MG Foundation developed a survey on the reality of women in agroecology. Meetings were held that defined the scope and format of the research. With the perspective of giving visibility to the life trajectories and struggles of women, oral history methodology was adopted. Thus, 12 women were indicated to be interviewed and represent the reality of women from the countryside of Minas Gerais. Considering the scope of the research, it was necessary to delimit the objective of this article for the life history of a producer. In this sense, the main objective of this work was to present the trajectory of Elaine de Souza Martins Ahnert, marked by struggles and achievements in the light of her experiences with agroecological gardens (PAIS).

Keywords: Women; Trajectories; Agroecology.

Contexto

Em agosto de 2015, a Articulação das Mulheres do Campo de Minas Gerais apresentou para o governo estadual, por meio da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Agrário (SEDA) e da Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Participação e Cidadania (SEDPAC), uma pauta com 25 reivindicações de ações e políticas públicas para



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



as mulheres do campo. Uma das reivindicações era “desenvolver pesquisas sobre a realidade das mulheres do campo em Minas Gerais, a partir do diálogo com a Articulação das Mulheres do Campo”. Considerando as competências e atribuições das Secretarias envolvidas, a realização da pesquisa foi direcionada para execução pela SEDA.

A partir desta definição, a SEDA convidou a Fundação João Pinheiro (FJP), instituição referência nacional na produção e disseminação de informações estatísticas e de avaliações setoriais, para coordenar a pesquisa. Além disso, realizou reuniões com as mulheres da Articulação com o objetivo de definir o escopo da pesquisa. As reuniões apontaram que a pesquisa deveria evidenciar a presença e as contribuições das mulheres nas diversas atividades econômicas do campo, revelar o protagonismo das mulheres na agricultura familiar e na agroecologia, e percebê-las enquanto um segmento específico no interior dos movimentos do campo e dos movimentos feministas.

Assim, em janeiro de 2016, foi firmado um acordo de cooperação técnica entre os entes governamentais com a fonte de recursos da ação orçamentária 1058 – apoio à inclusão produtiva e autonomia econômica das mulheres do campo, do Plano Plurianual de Ação Governamental (PPAG) da SEDA para o desenvolvimento de dois projetos, a saber: *Diagnóstico da situação socioeconômica das trabalhadoras do campo de Minas Gerais* e *Mulheres do campo de Minas Gerais: trajetórias de vida, de lutas e de trabalho com a terra*.

O presente artigo abordará a experiência técnica de implementação dos projetos das hortas PAIS (Produção Agroecológica Integrada e Sustentável) a partir da entrevista de Elaine de Souza Martins Ahnert, liderança do Movimento de Atingidos por Barragens (MAB) na pesquisa *Mulheres do campo de Minas Gerais: trajetórias de vida, de lutas e de trabalho com a terra*. Observa-se que Elaine assinou termo de autorização de uso da entrevista e citação de seu nome.

Descrição da Experiência

As reuniões com as mulheres da Articulação também definiram a Metodologia da pesquisa. Com a perspectiva de dar visibilidade as trajetórias de vida e de lutas das mulheres adotou-se a Metodologia de história oral. A construção dos roteiros de entrevistas, as transcrições e as transcrições das entrevistas seguiram as normas técnicas apresentadas no manual de história oral elaborado por Alberti (1990). Dessa forma, os movimentos, organizações e redes que compõem a Articulação escolheram 12 mulheres, de diversas regiões do estado, para serem entrevistadas, e a partir das suas histórias apresentarem a realidade das mulheres do campo de Minas Gerais.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



Para tanto, as pesquisadoras envolvidas participaram de um processo de formação teórico-metodológico, com leituras, vídeos, mini cursos e discussões para preparar a atuação em campo. Além disso, realizou-se uma oficina com as lideranças da Articulação para validar os instrumentos de pesquisa e preparar a atuação em campo das pesquisadoras.

O primeiro trabalho de campo foi realizado em outubro de 2016, e teve um caráter de pré-teste. Os demais ocorreram em novembro e dezembro do mesmo ano. Além do primeiro, outros cinco campos contaram com a participação da equipe da Rede Minas para produção de material áudio visual. Os principais produtos da pesquisa são: uma biografia coletiva das mulheres, em formato de um livro, um livreto para a educação básica e um conjunto de vídeos que compuseram uma temporada do Programa *Mulhere-se* da Rede Minas.

Resultados

Em entrevista, Elaine de Souza Martins Ahnert explica o processo de implementação do projeto das hortas PAIS (Produção Agroecológica Integrada e Sustentável) no município de Itueta (MG). “No primeiro projeto das hortas PAIS 50 famílias receberam. Aqui, em Itueta, não teve as hortas comunitárias porque um mora longe do outro. Aí não teve como fazer a comunitária. Então foram 50 famílias que receberam o projeto. Quando as hortas vieram, os PAIS vieram, nós tivemos curso para aprender a fazer os remédios que bota na horta, e que não é veneno, é orgânico, né?! Que você aprende a fazer tudo natural com coisas daqui mesmo, da própria horta. Então teve curso. Todos os PAIS que vem, vem com os cursos para passar para as famílias aprenderem como lidar com a horta agroecológica.”

Elaine apresenta o principal objetivo da implementação do projeto das hortas e alguns efeitos produzidos. “As hortas vieram para dar autonomia para as mulheres. Mas foi a família que recebeu o projeto, porque é a família que está no MAB. A família que participa das lutas e tudo é a família, mas quem cuida da horta é a mulher. Por que foram as mulheres que receberam as hortas, plantavam e podiam vender, por mais que a gente não conseguiu acessar nenhum projeto para entregar para as escolas. Nós não conseguimos isso. Mas o pouco que a gente tinha, as pessoas vinham na nossa casa comprar porque é agroecológica. Não usa veneno, nada disso. Então as pessoas vinham na nossa casa. Era pouco na verdade que a gente conseguia. Mas era um pouco que dava aquele ânimo de saber que o nosso trabalho estava sendo reconhecido. E atra-



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



vés do MAB porque antes a gente não tinha isso. A gente não tinha nada disso antes. O que motiva continuar lutando é ver os Resultados. Que apesar de todos os desafios, de tudo que a gente passa, de todas as dificuldades, os Resultados são muito bons.”

Ao conversar um pouco sobre as mulheres, e respectivas famílias, que foram contempladas com o projeto, Elaine explica que está entre as beneficiárias e expõe alguns elementos da comercialização da produção. “Eu também recebi a horta PAIS, e a gente produz alface, mostarda, tomate, pimentão, cebola, cebolinha, são mais assim verduras de folha. Couve, beterraba. Tudo que a gente consegue plantar a gente planta. E fora da horta nós temos inhame, banana da terra, mandioca e tem o café. Só que o café é de ano em ano, né?! Mas as outras coisas a gente vende, planta mandioca, vende a mandioca. O inhame também. A banana sempre tá vendendo, né?! Vendemos o que produzimos aqui mesmo na comunidade. As pessoas já sabem que a gente vende e quando já tá na época de colheita. Aí só aviso as pessoas que sempre falam: “*Quando tiver vocês avisam que eu quero*”. Então não perde nada. A gente consegue vender tudo. Todas as pessoas que compram são daqui mesmo do lugar. São as pessoas da própria comunidade, que a maioria não tem seu pedaço de terra, trabalha para os outros. Então não tem como plantar, né?! Então aí eles mesmos vêm e compram. Vendemos só aqui na comunidade porque na cidade é muita burocracia pra você vender. Você tem que ter cadastro. Tem que ter tudo regularizado porque senão você não pode entrar. Então é muito complicado. Aí não compensa, né, a gente levar pra cidade.”

Abordar o tema da comercialização deu a oportunidade de conversar sobre a renda gerada, para compreender o processo de autonomia econômica e reconhecimento das contribuições das mulheres na produção. “Não separamos o dinheiro que ganhamos com a horta e as outras plantações. É uma coisa só. E aí eu não vou falar que o dinheiro fica para o meu esposo porque eu sempre tenho também. Não é que ele me dá tudo que vende ou eu tenho uma parte. Não! Mas quando eu preciso é aquele caso, eu tenho que pedir. Porque por mais que eu ajudo ele a capinar, fazer as coisas, se eu não pedir dinheiro, ele não dá. E não é só com meu esposo. Aqui é com todas as pessoas assim. A mulher, por mais que trabalha, o trabalho dela não é reconhecido, não é valorizado porque o dinheiro vai pra mão do homem. Mesmo quando eu fico em casa e vendo alguma coisa, eu entrego o dinheiro diretamente para o meu marido. E daí se eu preciso, eu peço. Algumas mulheres conseguem ficar com o dinheiro das vendas das hortas. Elas que cuidam e não deixam nem o marido entrar na horta. Elas mesmas que cuidam e o dinheiro é delas. Eu aqui é porque eu saio muito. Então não tem como



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



eu falar: “A horta é só minha, eu que tô cuidando”. Porque meu marido também ajuda quando eu não estou em casa. É ele que molha, é ele que capina, ele que faz as coisas quando eu estou para as reuniões do MAB. Então é nosso, né?! Não é só meu.”

Ao ser interrogada sobre o que significa ser mulheres do campo e trabalhar com agroecologia, a expressão fica radiante e a voz cheia de emoção: “Ser mulher do campo e trabalhar com a agroecologia é tudo, né?! É muito bom, eu sempre morei na roça, nunca morei na cidade, mas assim, pra mim é a melhor coisa. Eu não conseguiria sobreviver na cidade porque aqui você sabe que tudo que você planta é natural. E lá na rua, tudo que você vai comer lá, você sabe que é cheio de agrotóxico. Tudo, tudo. E aqui não. Aqui é tudo natural. Então, morar na roça, ter a horta e ter as coisas agroecológicas é tudo. São muitos os desafios que enfrentamos trabalhando com agricultura familiar e agroecologia. Porque igual, estava chovendo muito, então apesar de todo o curso que os técnicos passaram sobre como produzir os remédios para bater para não usar inseticida, com tanta chuva nós não demos conta de acabar com os bichinhos. É umas lagartinhas, umas larvinhas. Então não tinha como bater o produto porque estava chovendo muito. Então agora que tá com sol eles já invadiram tudo. Então nós vamos ter que arrancar e começar tudo de novo. Então o desafio maior é isso aí. É a época da chuva porque quando não tá chovendo é tranquilo. Você bate lá e rapidinho some, né?! Agora quando tá chovendo você bate e logo chove, lava e tudo e eles vão só atacando que tá chovendo e não tem como ficar batendo.”

Dessa forma, Elaine revela que ao entrar para o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) sua vida mudou completamente. A justificativa de Elaine é que até ingressar no movimento, desconhecia os direitos que as mulheres conquistaram, e dos próprios direitos que possui. Além disso, Elaine destaca a importância da atuação do MAB na conquista de projetos, que contribuem para a autonomia e da construção da solidariedade entre as mulheres. Ao ser convidada para avaliar a sua vida em relação a de sua mãe, aponta que: “Um aspecto que mudou é a autonomia para fazer o que quiser, que minha mãe não tinha com meu pai, e eu conquistei em relação ao meu marido. A minha mãe, quando eu era bem novinha, eu acho que tinha uns oito anos, a minha mãe não podia fazer muita coisa. (...). E eu, eu já não aceitava isso desde o início. No início ainda quando eu casei, eu aceitava. Meu marido, se eu pedisse assim: “Eu posso ir em tal lugar” e ele falasse: “Não. Você não vai”, eu ia chorar e não ia. Eu respeitava ele. Aí a partir do momento que eu participei das reuniões e vi lá que não é assim, que o homem não tem que mandar na mulher e a mulher não tem que mandar no homem. Tem que ser os dois seguir juntos. Aí eu cheguei em casa e conversei com ele. Falei assim: “Não vai ser assim mais. Do mesmo jeito que você tem direito de sair



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



sem me falar nada, eu também tenho”. E aí comecei a tomar essa autonomia de só chegar e falar assim: “Ó, eu vou pra tal lugar, tal dia”. E ele não fala mais, porque no início ele falava e mandou eu escolher entre o movimento e o nosso casamento. E aí eu falei com ele: “É uma escolha que eu não quero fazer. Eu quero continuar com os dois. Mas se você acha que eu tenho que escolher, eu escolho o movimento. Eu escolho o MAB”. E aí ele viu que eu estava decidida, que eu ia sair de casa mesmo, que eu ia embora. E aí ele falou: “Não. Vamos conversar. Então você vai, participa, continua participando, mas toma cuidado e tal”. Essas coisas que homem acha que a mulher vai sair de casa pra trair ele e tal. Mas aí agora é assim. Eu não aceito mais ele mandar em mim. Lógico que a gente conversa muito, né?! Que tem que ter esse relacionamento aí de conversa. Mas eu não aceito ele mandar em mim mais não. Depois que eu entrei, que eu comecei a participar do MAB, eu comecei a levar a minha mãe junto comigo, para ela saber dos direitos das mulheres. Já pensando o que não mudou da relação da minha mãe com meu avô e meu pai, para a minha relação com meu pai e meu marido é que desde aquela época até agora os homens acham que as mulheres são um objeto que eles fazem o que eles querem, quando eles querem. Isso não mudou. Nós temos que mudar isso, mas ainda não mudou.”

Análises

A pesquisa evidenciou a discussão realizada por Di Sabatto (2009), que destaca a importância da organização dos movimentos de mulheres rurais na construção da autonomia, contribuindo para os debates e questionamentos acerca da chefia das famílias, do acesso à terra e à renda. Isso porque, historicamente, as mulheres participam da produção, mas sem acesso aos rendimentos da comercialização. É possível perceber em diversos trechos da entrevista esse posicionamento por parte de Elaine e como as participações em reuniões e lutas do MAB contribuíram para sua formação e consciência de direito.

Butto (2009) argumenta que a implicação da renda pode não ser diretamente na autonomia das mulheres, mas contribui de maneira decisiva nas interações familiares, sobretudo com os maridos, afirmando o papel das mulheres, suas contribuições e conseqüentemente a busca por igualdade. Esse aspecto também é muito presente no cotidiano de Elaine. Ainda que ela entregue todo o rendimento das vendas para o marido, ela não admite que ele a impeça de sair.

Nesse sentido, a principal contribuição dessa experiência técnica para a área é reforçar a importância dos movimentos sociais e das ações de agroecologia na construção da autonomia das mulheres do campo.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. **História oral:** a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990.

BUTTO, Andrea. **Mulheres Rurais e Autonomia:** Formação e Articulação para Efetivar Políticas Públicas nos Territórios da Cidadania. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Humano, 2014. 128 p.

DI SABBATO, Alberto; PEREIRA DE MELO, Hildete; LOMBARDI, Maria Rosa; FARIA, Nalu; organização de Andrea Butto. (Brasil). **Estatísticas rurais e a economia feminista:** um olhar sobre o trabalho das mulheres/. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2009. 168 p.